

## A velha

À minha frente, um quadro. Meu campo de visão é o que determina a sua moldura. Não foi desenhado por homem algum, tampouco é estático. Tem vida e é animado por Deus.

Que há nesses quadros vivos, insondáveis e tristes, e de tal forma expressionistas, que nos suscitam tão profundas e lancinantes impressões?

Estou na portaria de um prédio comercial, num bairro movimentado em Niterói. A penumbra natural despacha de vez um sol que vai deitar-se, ao longe e fatigado, por trás dos edifícios. E a noite cai, de vez, na rua barulhenta.

Do outro lado dessa rua, na altura do quarto andar, o apartamento estampa uma velha. Suas janelas estão fechadas e ela olha, enrugada, através de lisos vidros. Um quadro melancólico. Decerto, o ruído coletivo é inacessível a ela; e o sol poente, e todo o resto. Mas a velha está lá, por trás de um muro transparente, a espiar apenas o movimento lá embaixo. Ela não me vê, assim como a ninguém em particular, já que confusa e espantada com toda aquela multidão.

De onde estou, eu a vejo pensativa, tristonha, o ar a sua volta carregado de melancolia. Ela se recorda, talvez, das tardes em que o poente era visível até o mergulho da estrela nas águas de Icaraí. Também sinto uma tristeza imensa ao ver essa mulher: os seus olhos são os meus; as suas rugas são as minhas; suas lembranças, as mesmas da minha alma... Ela não me vê, mas, vendo-a, somos um. Dou um salto até à janela e, de lá, nós contemplamos o mundo do quarto andar. Agora, ao lado da velha, também nada ouço do que transborda daquela rua. Aquele mundo lá embaixo, tão distante do nosso mundo, é o futuro que nos esperou. E que nos desesperou. E de tudo que vemos do quarto andar, pouco ou quase nada faz parte da vida que ainda pulsa e olha através do vidro. Ela geme um suspiro, e eu o testemunho porque estou com ela. É um sopro que sobe do espírito - esse sim, imortal! -, e vemos as cadeiras postas lado a lado nas calçadas, a vizinhança toda reunida numa conversa familiar. As crianças vão e vêm de uma calçada a outra, sem grandes perigos, naquela rua lá embaixo.

Dou um novo salto, desço à rua. Lá em cima, atrás de um vidro limiar de dois mundos, a velha está só. Também estou só, no meio da multidão...